JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . . 500 réis
Com estampilha . . . . . 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . . 20 »

DIRECTOR E PROPRIETARIO
AUGUSTO DA COSTA E PINHO
Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar
Impressão e composição — TYPOGRAPHIA PENINSULAR
Rua de S. Chrispim, 18 a 28—PORTO

PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal. . . . . 60 rs. cada linha
Annuncios e communicados. . . 50 » »
Repetições . . . . . 25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes

ASSUMPTO LOCAL

Encetou a «Patria» uma serie de artigos em que expõe o seu pensar sobre as necessidades mais urgentes do concelho.

A nosso vêr, o partido republicano local apresenta o seu programma de administração municipal, e não é descabido a occazião, visto presumir-se e com fundamento que, durante este anno, deve proceder-se á eleição camararia.

Principiou por tractar da sanidade publica, assumpto de maior importancia, que foi obrigado a interromper, para se occupar da deliberação camararia, sobre a construcção d'um edificio destinado a prisões e outros fins.

Para a «Patria» é esta deliberação *anti-economica* e altamente *embaraçante* para as administrações futuras, porque, se as cadeias são de absoluta necessidade, muito mais necessario é um hospital.

E, não havendo dinheiro para os dois edificios, eis o embaraço economico».

Do mesmo pensar da «Patria» é a «Discussão», e *n'esse ponto* estão *accordes*, querendo ambos que se construisse um novo edificio para o hospital applicando-se depois o existente para cadeias.

Respeitamos a opinião collegas e acreditamos em que lhe seja sincera, porém, de forma alguma podemos concordar com tal doutrina.

Acceitando a affirmativa, que é verdadeira, de que a camara hoje não dispõe de recursos para a construcção immediata dos dois edificios—cadeias e hospital, reconhecendo ainda a necessidade innadiavel d'esses dois importantes melhoramentos, a preferencia tinha que ser dada á construcção das cadeias.

As camaras municipaes têm a seu cargo despezas *obrigatorias* e despezas *facultativas*.

Para as primeiras tém que criar receita, quando a não haja, e as segundas só podem ser pagas com as receitas que sóbem d'aquellas.

A Camara d'Ovar não cobra percentagem alguma sobre as contribuições geraes do estado, e se, ámanhã quizer lançar qualquer percentagem, ha-de justificar a necessidade que tem de cobrar esse novo imposto, justificação que sómente é admittida pelas estações tutellares, quando tenha em vista satisfazer despezas *obrigatorias*.

Ora por lei é despeza obrigatoria a construção e conservação das cadeias, emquanto que a construcção d'um hospital é despeza facultativa.

Se, por ventura, a camara quizesse construir um hospital, de preferencia ás cadeias, necessariamente que as estações tutellares denegavam approvação a essa deliberação, por illegal, em razão de ter de attender-se primeiro que tudo ás despezas obrigatorias.

O hospital tem receitas privativas, hoje, de pequeno valor, pois regulam por 600$000 reis, mas é possivel que ámanhã augmentem de forma a poder ter uma vida relativamente desafogado, não onerando assim tão gravemente os rendimentos proprios do municipio.

As receitas do hospital nunca podem applicar-se em despezas *privativas* e *obrigatorias* do municipio, e assim não é de bôa administração, que na actual conjunctura, se vá desviar dos rendimentos municipaes uma quantia avultada em beneficio exclusivo do hospital.

•

Dentro d'um periodo inferior a trez annos, caduca o encargo annual de 1:200$000 reis que pesa sobre um legado deixado ao hospital d'Ovar, havendo assim um augmento de receita.

E ou esse augmento pertence exclusivamente ao hospital, ou pertence a parte ou a totalidade á camara, para *fim determinado*, é certo que existe uma receita a mais relativamente importante com a qual podem ser attendidas as necessidades mais innadiaveis do hospital.

Mandam as regras de bôa administração que não se prejudique a economia da camara em beneficio da economia d'um estabelecimento de beneficiencia.

A'manhã, pois, ou dentro d'um periodo muito curto, é possivel attender se os desejos dos collegas, relativamente ao hospital, sem descalabro para as finanças do municipio.

Mas é preciso ter em vista que a manutenção d'um hospital custa muito dinheiro e de nada valerá um edificio imponente e magestoso que satisfaça todas as regras da hygiene e que tenha accomodações para toda a *pobreza* do concelho, se não houver receitas para occorrer ás despezas.

N'esse caso dar-se-ha a hypothese da anedocta que conta a «Patria» de haver um moinho mas não haver agua que o faça laborar.

Parece-nos, pois, salvo o respeito pelas opiniões em contrario que a camara municipal, mandando construir o edificio para as cadeias e outros fins, procedeu de harmonia com as bôas regras de administração, não tendo fundamento algum ou receio de que d'esse acto resulte *embaraço para as administrações futuras*, o que parece preoccupar seriamente a «Patria».

A Guida e o João Semana d'As Pupillas do Snr. Reitor.

(D'O Almanach Bertrand de 1907)

Folheando papeis velhos, encontrámos n'uma das nossas innumerosas pastas, dois artiguitos de Jornal, perdidos, quem sabe se até na lembrança do proprio auctor d'elles, o nosso bom amigo e eminente prosador e jornalista, Trindade Coelho.

São, respectivamente, dos dias 10 e 11 de dezembro de 1896, do periodico lisbonense «O Reporter», injustamente fallecido, ha annos, pois era uma folha cuidadosamente redigida, e que teve um aureo periodo de renôme e prosperidade.

Os dois artigos, tanto pelas informações curiosas que prestam, como pela consideração de vida á esmerada penna que os redigiu, não merecem ser esquecidos, e por isso lhes damos cabimento aqui. Eil-os:

João Semana

Quem o não conhece? Até os petizes da escola, d'esse trecho que anda nas selectas, e que principia assim:

«Era meio dia, um meio dia de verão, ardente, asphixiante, calcinador, a hora a que tudo repousa, em que as aves se escondem na folhagem, as plantas inclinam as summidades, desfallecidas de seiva, e os ribeiros quasi não murmuram, debeis e de exhaustos que vão».

Lembram-se todos d'essa pagina das *Pupillas do sr. Reitor*, das mais lindas de Julio Diniz.

Pois morreu João Semana!

E como quer que o noticiario do *Seculo* fosse d'esta vez commovido na sua linguagem, além de «bem informado», recorto do *Seculo*, na integra, essa nota de necrologia, tão interessante, verão, para a litteratura do nosso paiz.

«Raros dos nossos leitores desconhecerão um dos mais delicados romances de Julio Diniz, esse bello e fulgurante espirito tão cedo arrebatado.

Referimo-nos ás *Pupillas do sr. Reitor*, em que mais se salienta á «maneira» inconfundivel do escriptor brilhante; — volume rescendente de poesia, cujas paginas, artisticamente trabalhadas, são poemas, verdadeiras poemas, embriagantes pelo aroma da paizagem, que evocam, pelo ambiente limpissimo que nos fazem aspirar a plenos pulmões.

«Pois bem: um dos personagens do romance a que nos referimos, o medico provinciano das *Pupillas*, o bom «João Semana», o «velhote», que a penna de Julio Diniz stereotypou intidamente nas paginas do seu romance, acaba de morrer.

«Não é uma «*blague*» o que vimos de assegurar. «João Semana» existiu realmente,

«O medico amoravel, o velhinho honesto, «João Semana», emfim, vinha a ser o dr. João José da Silveira, cavalheiro que todo o concelho d'Ovar presava, e cuja perda foi sentidissima.

«Não morreu novo, não. Contava já 84 janeiros, o bom velhinho. Julio Diniz, medico tambem, morreu em pleno alvorecer da primavera; foi indo adeante como para arranjar pelas suas mãos meigamente caricosas a sepultura do velhinho que occupara uma grande parte do seu coração, e de que elle formára uma das figuras mais palpaveis e sympathicas dos seu poemas,—que outra cousa não são os tomos da sua obra!

«João Semana», ou antes o dr. João José da Silveira, falleceu em Ovar na semana finda.

Deixa um nome respeitabillissimo aos seus.

«Por occazião das differentes epidemias que affligiram o concelho servido pela sua clinica, prestou serviços importantissimos.

«Descance em paz o bom velhinho, que Julio Diniz illuminou com uma aureola refulgentissima de bondade!»

N'um proposito litterario, deixei lêr um d'estes dias ao meu pequeno as *Pupillas do sr. Reitor*. Devorou-as. No fim perguntei-lhe:

—«Então que tal? Gostaste?»

Resposta d'elle, com um ar muito vago:

—«Não sei que é... Parece que tenho saudades do livro... d'aquillo tudo...

E agora, procurando-o, só elle é que sabia onde estava, e parece que o anda a relêr—ás escondidas...

•

Posso informar que tambem a Musa das *Pupillas*, isto é, a Guida, existe ainda.

Já a vi no caminho de ferro, uma vez; e não sei que especie de sentimento fazia como que sagrada aos meus olhos essa figura esbelta de mulher, que eu me não cançava de contemplar...

Ah, muito devem as mulheres aos artistas! E como algumas, talvez sem o saber, lhes pagam mal!...

«A guida das Pupillas»

São de *Til*, no *Jornal do Commercio*, de hontem, as seguintes notas, que interessam á historia d'essa obra prima de Julio Diniz, *As Pupillas do sr. Reitor*:

«Das pessoas de que se serviu Julio Diniz para as personagens das *Pupillas* uma só sobrevive, aquella que é o nucleo de toda a acção do romance, aquella que foi a inspiradora da paixão de que esse livro é a confissão velada e discreta, e o derivativo talvez d'esse amôr contrariado e que, todavia, parece nunca chegou a ser manifestamente confessado. Referimo-nos a Margarida.

«Dos typos do romance, o primeiro a morrer foi o auctor, que se encarnou em Daniel.

Dos typos episodicos e tão caracteristicos, morreu recentemente o ultimo—João Semana.

«O sobrevivente modelos das *Pupillas* é, pois, o de Margarida.

Quem escreve estas linhas tem a honra de conhecer essa senhora, esposa e mãe incomparavel.

Deveria ter sido em moça uma belleza na consagrada e hoje descahida accepção plastica; mas deveria ter sido cheia de graça; deveria ter sido um modelo de belleza intima e mysteriosa.

Os seus grandes olhos negros, que hoje possuem o amoravel e tranquillo clarão d'uma dupla maternide, deveriam ter tido um irresistivel dom de attracção; e a uma intelligencia aguda e a um coração delicado e meigo como Julio Diniz davam esses olhos, por certo, a promessa d'uma felicidade profunda.

«Mas não o quiz o destino.

N'esse drama da sua alma gerou-se o delicioso romance em que elle, com as dôres de Daniel e as de Margarida, pintou as suas, associando ao seu pensamento, para

A REDEMPÇÃO

VIII

Tremulo rompia o sol lá do Oriente,
Quando foi a Pilatos o *Immortal* Jesus;
Ao Juiz pagão o accusam falsamente,
Pedindo para Elle o martyrio da cruz.

Pilatos não vê no captivo um criminoso,
Mas uma victima do rancôr sacerdotal;
E' innocente!—brada ao povo furioso,
Que o quer immolado á pena capital.

Pilatos, de João Baptista ao assassino,
Adultero, que a synagoga excommungou,
Faz conduzir Jesus; mas este *libertino*,
Apoz de mil perguntas, por louco o insultou.

Jesus outra vez foi levado a Pilatos,
Que o nivela com o ladrão sidicioso;
O costume aponta a turba d'insensatos
De soltar pela Paschoa um criminoso.

Pergunta áquelles hypocritas phariseus;
—Qual d'elles devo soltar? Barrabaz ou Jesus?—
Esses tartufos-doutores entre os j deus,
Pediram, novamente, para Christo a cruz.

Na mente de Pilatos surge um pensamento
D'aos seus verdugos arrancar o Redemptor,
Mandando açoutal-o. Terrivel tormento
Com o qual elle julga acalmar o seu furor!...(•)

(Continúa).

João da Silva Ferreira.

(•) Pilatos mandou massacrar o corpo de Jesus, para n'esse estado de dôr e soffrimento o mostrar ao povo, com o fim de vêr se esse povo tinha compaixão d'Elle.

Puro engano!

Esse povo estava subornado pelos sacerdotes e phariseus para pedir em altos brados a morte de Jesus.

Era tal o odio dos principes da synagoga contra o *Salvador*, que estavam mesmo dispostos, se necessario fosse, a fazer uma revolta para *Elle* ser condemnado ao martyrio da cruz!...

o distrahir e, alegrar os individuos typicos que encontrava e os bocados de paizagem que excitava a sua fina sensibilidade de artista».

Como se sabe, nos romances de Julio Diniz a these, no fundo, é sempre a mesma:—a difficuldade opposta ao casamento pela desigualdade de condições sociaes dos *namorados*.

D'este modo, Guida foi não só a Musa das *Pupillas*, mas tambem dos outros romances de Julio Diniz: *Fidalgos da Caza Mourisca, Morgadinha dos Cannaviaes e uma familia ingleza*.

Lindo destino de uma mulher!

Dois dias antes de *O Reporter* publicar o primeiro d'estes artigos publicava o *Correio da Noite*, a proposito da morte do dr. Silveira, est'outro, a que tambem renovamos a publicidade merecida.

O João Semana das «Pupillas do snr. Reitor»

Todos conhecem os bellos e perfumados romances do grande escriptor portuguez Julio Diniz.

Até hoje, infelizmente, a admiração publica não pensou ainda em levantar um monumento, n'uma praça da capital, afim de perpetuar no bronze ou no marmore a memoria eximio homem de letras.

E' verdade que a *Morgadinha*, a *Familia Ingleza*, *As Pupillas*, *Os Fidalgos da Casa Mourisca*, e todas as paginas de Julio Diniz são monumentos immorredouros, que constituem a gloria d'uma litteratura.

Quem ha que não advinhe, atravez do rescendente aroma das scenas dos romances do mestre, delicadissimos traços d'aquelle caracter excepcionalmente bom, d'aquella phisiominia de linhas harmonicas serenas, verdadeiro espelho d'uma gentillissima alma?

Quem não se recorda do cirurgião João Semana, o caritativo e engraçadissimo medido de aldeia, cujos dialogos com o «Reitor» são verdadeiros modêlos de chiste!

O que muitos dos nossos leitores não sabem é que «João Semana» foi copiado com inexcedivel perfeição litteraria pelo romancista, d'um typo real, d'um santo velhinho, que todo o concelho d'Ovar adorava e que fallecu agora: o dr. João José da Silveira.

Este ancião de 84 annos, medico de finissimos quilates de espirito, coração prompto para todas as obras nobres e generosas, prestou grandes serviços humanitarios por occazião das epidemias que assolaram o concelho.

Todos o amavam. Julio Diniz, que viveu, durante algumas temporadas n'uma quinta dos arredores d'Ovar, estudou de perto o caracter do seu bondosissimo collega e transplantou para o romance a alta feição moral do facultativo, que era um homem de bem em toda a extensão da palavra.

Que descance em paz a alma do respeitavel ancião.

EM MAIO

N'uma linda tarde de Maio, e já quando o sol um pouco declinava, achava-me recostado á minha janella, e com o competente chapeu de palha formado por uma grande copa e por largas abas que quasi me parecia um «Sombrero» e, dentro da minha pobre casa, não havia luz, mas sombra não faltava para que eu estivesse com tamanho chapeu.

Suppõem talvez queridas leitoras que eu fazia este papel por Escarneo, ou imitando alguem?!... não!... e, de vez em quando, riame a bom rir, com as piadas do Bento Cura, na venda das prendas do Bazar, que um grupo de boas meninas organisou no largo de S. Miguel. E, como vos disse, queridas leitoras, a tarde era amena e o sol já declinava um pouco.

Estavamos em pleno verão.

A tarde era deliciosa, mas apesar d'isso não poupei o meu lenço tabaqueiro de o ter sempre encostado ao nariz, para que o pó não fosse minar a minha já tão preciosa existencia.

Sou um trambolho, e, não sou util a ninguem, sou um monstro só tenho como veêm um pedaço de cara com dou olhos, e emfim, todo o vosso desejo era talvez que eu descesse ao fundo de um tumulo para todo o sempre. *Credo Santo Antoninho aonde te porei.*

Emfim, tudo o que vós desejavas era que eu descesse ao fundo de um tumulo para todo o sempre ir dar seiva ao vegetal amigo, em lenta e mysteriosa reacção, talvez para voltar mudado em flor ao triste lar d'onde me arrancou a morte.

Podeis descançar porque quando eu morrer, ainda vos deixo o meu pobre lenço tabaqueiro com que eu amparava o pó da minha garganta tão preciosa, como preciosa é a minha vida.

Sou um vosso humilde admirador.

Alcinda.

Para mulheres

(Sobre arte culinaria)

O meu amigo *Orion*, que gosta de bons boccados e que se pella por bom cavaco, estava hontem a escrever em casa e a resmungar—*mexilhões, ovos molles.*—

Quando me deu para lêr o que escreveu, percebi a questão e não me foi possivel deixar de ir ao *Curral do concelho* fallar com o *maitre do Grand Hotel Internacional*, que é muito entendido em arte culianria e a quem faço o favor de ser seu amigo; isto a pedido do *Orion!...*

Fui-lhe pedir receitas de preparações de *mexilhão* e de *ovos molles*, e eis a resposta d'elle:

Dou-lhe as receitas de mexilhão *ao natural, á la poulette, ao gratin, em salada, á marinheira, com hervas finas, e fritos.*

Dou-lhe tambem varias receitas *de ovos molles* e a especial *dos de Aveiro.*

Poz-se, depois, a descutir tendo tido varios interrupções com a entrada e sahida de hospedes, etc., etc.

A proposito, recommendo este hotel a todos os forasteiros, que venham apreciar as bellezas naturaes e artificiaes sobretudo, d'esta encantadora, florescente e prospera villa d'Ovar, á beira-mar plantada, pelo seu esmerado serviço de cosinha e limpeza, notando-se esta principalmente nas caves e partes externa do hotel..

A diaria é o mais modica possivel, visto ser de 245 reis, e aos hospedes contractados por anno não lhe augmentar o preço nos bissextos.

Vamos lá ao mexilhão.

Eis o discurso do tal Pancracio, pois é esta a sua graça.

«Os mexilhões do mar são preferiveis aos do rio e digerem-se facilmente.

Os mexilhões do mar, crús, seriam uma iguaria tão agradavel como as ostras, se não tivessem um gosto tão pronunciado a hervas marinhas.

Para lhe tirar este gosto, basta, depois de abertos, mergulhal-os em vinagre.

Em Portugal os melhores são os de Aveiro.

A melhor epocha para comer os mexilhões é na occazião da lua cheia e quatro ou cinco dias depois da lua nova, quando as marés são vivas e, sobretudo, nas grandes marés dos equinoxios, que é como quem diz em Março e Setembro.

A razão, é que, nutrindo-se este marisco de espumas do mar, onde apanha insectos e outras substancias defeitas e envolvidas em agua salgada, quando as marés são baixas, ficam em secco, emmagrecendo, e mesmo o sol altera a sua organisação.

Não se devem comer os mexilhões arrancados das quilhas dos navios forrados de cobre por causa do azebre que adhere aos cascos.»

Para me dizer isto estive lá quatro horas, por causa do grande movimento de hospedes.

Levei papel de casa e servi-me lá d'uma tinta preparada n'uma mercearia que ha em Ovar d'uns taes Pinhos, que não sei se as gentis leitoras têm a honra de conhecer.

Estes snrs. vendem lá de tudo quanto ha, e, até, competem com todos os esbelecimentos similares d'aqui e de todo o orbe terraqueo.

E', pois, dar-lhe dinheiro a ganhar que é o que elle quer para poder custeiar as suas enormes despezas, que são muito grandes actualmente.

Já perdi o fio do cavaco e já não sei onde apanhal-o.

Tenho que ir buscal-o atraz do Pinho. Já estou vendo as gentis leitoras a daram umas gargalhadinhas seccas, n'esta occazião; mas, o caso tem explicação.

Ir buscal-o a traz do Pinho, quer agora (aqui) dizer que vou buscar, onde deixei, o que estava dizendo para começar a tratar de lenha, peço desculpa, de Pinho.

O melhor reclame á sua loja é o seguinte:

Lá, cada kylogramma pesa 1000 grammas, cada meio kilo 500 grammas e cada quarto de kilo 250 grammas.

E' cousa para espantar todo o mundo, e que foi o *clou* da exposição universal de Paris de 1900, onde se verificou na frente de quem quiz vêr.

Facto espantoso e nunca visto. cada gramma, lá, pesa exactamente um gramma.

E' tempo de irmos agora atraz do Pinho reatar, assim, o fio do cavaco.

Dei as bôas noites ao Pancracio, porque elle tinha que ir ainda medicar-se, e deitou-se já tarde, com certeza.

Prometteu-me continuar com a sua dissertação culinaria, de que darei parte ás minhas gentis leitoras nos numeros d'este semanario.

E com esta, não as enfado mais.

Peço só, em troca, que sonhem um boccado como o seu orador.

Centaurus.

NOTICIARIO

Dr. Almeida Medeiros

Acha-se doente o ex.mo sr. dr. Lourenço d'Almeida Medeiros, distincto collaborador d'este jornal.

Desejamos a s. ex.a prompto restabelecimento.

TEMPO

Não fômos muito infelizes com a nossa noticia do tempo, no domingo passado, e, antes assim, porque podiamos perder o prestigio que temos, na opinião publica, sobre a previsão dos tempos:

Isto de previsões tem muito que se lhe diga, especialmente para nós, que, de acostumados a enganar-nos, podemos accertar... por engano!...

Mas, fosse por engano, ou não fosse, o que é certo, é que, d'esta vez, acertamos; pois, dissemos ser provavel haver *môlho*, na fraqueza da lua e, se bem o dissémos, bem *lo tibémos.*

Assim, pois, tem feito, estes dias, um tempo improprio da estação que atravessamos, não pela chuva!... mas pelo frio, que já tem causado algumas constipações.

.....

No domingo éra eu, por causa do calôr, que incommodava a minha mulhér, pedindo-lhe... refrescos e lenços para limpar o suór, e, hoje, é a minha mulher constipada, por causa do frio, que me incommoda, pedindo-me... *suadoiros* e bebidas quentes!...

Entre casados ha muitas occaziões assim:—umas vezes tem a mulher que fazer a vontade ao homem, e, outras vezes, tem o homem que fazer a vontade á mulher...

E, senão, casem-se e verão!...

PESCA

O producto da pesca, na Costa do Furadouro, durante a semana finda, foi insignificante.

O XUÃO

Na terça-feira saiu o n.º 17 d'este excellente semanario.

As paginas de caricaturas dizem respeito aos ultimos acontecimentos, e têm por titulos: Novas adhesões, Um Magro que quer engorda, Restos da Batalha e Quem devia responder ao discurso da Corôa, *(Tlim)*, todas devéras engraçadas.

Portanto mais um numero que se recommenda pela opportunidade dos assumptos.

CORAÇÃO DE JESUS

Na proxima sexta-feira, 26 do corrente, realisa-se, na capella de N. S.a da Graça, a Festa do coração de Jesus, constando, de manhã, de missa solemne a grande instrumental, com exposição do SS. e sermão pelo Rev.mo P.e Antonio Dias Borges, e, de tarde, vesperas, sermão e procissão.

Toma parte, n'esta festividade, a phylarmonica *«Ovarense»*.

A meza pede que assistam á procissão, com opas, porque se fazem como em Santo Antonio .. acabam as procissões.

A GUERRA PENINSULAR

No dia 18 do corrente mez de junho, foi solemnemente commemorado o centenario da guerra peninsular, em que as armas portuguezas alcançaram uma victoria brilhantissima sobre as tropas napoleonicas, obtendo uma pagina d'ouro para a historia dos nossos feitos militares.

LUZ ELECTRICA

O sr. Mageon, engenheiro inglez, e representante da companhia da Luz electrica d'esta villa denominada *«Ovar Eletric Supply Compy»*, deu principio, na sexta-feira passada, aos trabalhos do levantamento da planta para os postes e cabos para a luz electrica.

E' um melhoramento importantissimo, com que muitos nos regosijamos, e fazemos votos para que as installações do machinismo não se faça demorar muito.

CONSORCIO

Consorciou-se, na quinta-feira passada, o snr. Manoel Simões da Cunha, com a menina Maria José Magdalena Lopes, filha do nosso amigo o snr. João Antonio Lopes, importante negociante, da Praça, d'esta villa.

Aos noivos desejamos um futuro de felicidades.

PANICO N'UM SANTUARIO

Realisou-se a costumada peregrinação ao Sanctuario de Sibiaco.

Durante a missa, a que assistiam os peregrinos, falleceu repentinamente um d'elles.

Os companheiros, fortemente impressionados com o caso, fugiram do templo.

Pouco depois, nos arredores do sanctuario, cahiu um penhasco e matou outro peregrino. O panico augmentou. Os peregrinos desataram a correr em todas as direcções gritando que o que estava a succeder era um castigo do Céo.

Muitos d'elles levavam armas de fogo, e disparavam no ar, ficando gravemente feridos perto de cincoenta pessoas.

BENEMERITO

O nosso amigo e conterraneo Manuel de Pinho Saramago, importante capitalista d'esta villa, e morador na rua das Figueiras, offereceu ao hospital d'Ovar, 24 lençoes, 36 camisas, 24 almofadas, e 18 travesseiros.

Além d'esta esmola tem o sr. Saramago offerecido outras de grande valor ao mesmo hospital, pelo que lhe enviamos felicitações pelo seu altruismo.

PROPOSTAS DE LEI

Consta que o sr. Ministro da Justiça apresentará ao parlamento, nos principios do mez proximo, algumas propostas de lei, entre as quaes a da protecção ás raparigas menores.

NOMEAÇÃO

Foi nomeado facultativo militar, o nosso conterraneo e amigo snr. dr. Mario Pereira da Cunha.

Ao nosso amigo e a sua ex.ma familia, os nossos sinceros parabens.

DESASTRE

Na quinta-feira passada, cêrca das duas horas da tarde, andando, juntamente com outros rapazes um filho do snr. José Maria Rodrigues de Figueiredo, trepando a um mastro, no largo da Praça, em frente á capella de Santo Antonio, deu-se um lamentavel desastre, que poderia ter muito mais graves consequencias.

Ainda assim é sério o estado do rapazito, pois na occasião em que elle trepava, indo outro rapaz na sua frente, este a certa altura. deixando-se escorregar pelo mastro abaixo, veio sobre aquelle, obrigando-o a uma quéda de que lhe resultou fracturar uma perna pela côxa e deslocar um pulso.

Sentimos devéras este acontecimento, e bom será que sirva de exemplo a outros rapazes.

EXAMES

Em virtude da respectiva representação da Camara Municipal o governo authorisou os exames de instrucção primaria 2.º grau, n'esta villa, aos alumnos do concelho, do que já foi informado officialmente o snr. José Vidal, dignissimo sub-inspector escolar, d'este circulo.

S. Christovão

Em razão de, na quinta-feira, ter sido o dia de *«Corpus Christi»*, esteve exposta á veneração dos fieis, nos Paços do Concelho, a imagem de S. Christovão, orago d'esta freguezia, e advogado do fastio, segundo a tradicção.

Por tal motivo as mulheres fizeram carreira n'esse dia, com as respectivas rôscas dôces que passavam pelo braço do santo, para depois comerem e que outras deixavam de presente a S. Christovão.

Isto, porém, deixou de ser tão frequente como antigamente, desde que o povinho se convenceu de que o santo não come...